



Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

ARTE E CULTURA

Investigações e experimentos

Atena
Editora
Ano 2022

Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

ARTE E CULTURA

Investigações e experimentos

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte e cultura: investigações e experimentos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Daniela Remião de Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
A786	Arte e cultura: investigações e experimentos / Organizadora Daniela Remião de Macedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0702-7 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.027222211 1. Artes. 2. Cultura. I. Macedo, Daniela Remião de (Organizadora). II. Título. CDD 700
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O livro “Arte e cultura: Investigações e experimentos” reúne produções científicas que promovem interessantes reflexões e relações entre arte e cultura, apresentando 7 capítulos com artigos de pesquisadores atuantes em instituições nacionais e internacionais.

Tatiana Lameiro-González busca revelar como a troca de trabalhos entre o Japão e o Ocidente promoveu algumas mudanças profundas na forma como as mensagens são materializadas e comunicadas por meio de imagens, e analisa estes fluxos a partir de exemplos da pintura, do design gráfico e da publicidade, a fim de entender como eles afetam os diferentes contextos e a cultura popular.

Daniela Remião de Macedo reflete sobre o lugar da mulher na história da fotografia, a partir de sua criação artística com referência nas pioneiras, trazendo informações e recentes descobertas, e evidenciando que as investigações dedicadas a desvendar a atuação feminina na área permitem com que as mulheres assumam seus papéis de protagonistas nesta história.

Denise Azevedo Duarte Guimarães traz um estudo da poesia multimídia que demonstra a continuidade a um projeto da visualidade em busca do movimento, com um salto efetuado das páginas para as telas e a incorporação das tecnologias digitais ao trabalho poético, indagando de que forma o poema em novos suportes pode ainda ser entendido como obra estética composta de palavras que se organizam de um modo particular, com suas leis específicas e modos de codificação, de acordo com as consagradas teorias sobre o texto poético.

Laura Tinoco de Paula Ramos traz o relato dos benefícios proporcionados pela Musicoterapia a pessoas em processo de envelhecimento, através de oficinas de atividades lúdicas, com estratégias e recursos para estimulação das áreas cognitiva e motora, a partir da memória afetivo-musical.

Lauci Bortoluci Quintana aborda a biblioteca universitária de artes e sua relação com a sustentabilidade cultural, tratando da coleção bibliográfica do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, e como os recursos informacionais podem ser relacionados entre si, proporcionando novas interpretações e estudos.

Entendendo a educação a partir de uma perspectiva inclusiva, que valoriza e respeita as diferenças, e representa a igualdade social, *Marcelo Máximo Purificação* e *Elisângela Maura Catarino* buscam entender as intencionalidades, possibilidades e desafios relacionados à formação de professores e a dimensão do currículo, dialogando com as diferenças, por meio de estudo qualitativo bibliográfico e documental.

Mariana Vallareto Nery faz a análise dos desafios e estratégias para a modernização das marcas através dos instrumentos de cultura e consumo.

Assim, este livro contribui para a formação de novos conhecimentos a

alunos, professores, pesquisadores e a todos que se interessem por diferentes abordagens no universo das humanidades.

Propomos aos leitores uma agradável imersão nas investigações e experimentos aqui apresentados que resulte em proveitosas reflexões, tendo a arte e a cultura como fio condutor.

Boa leitura!

Daniela Remião de Macedo

CAPÍTULO 1	1
INTERCULTURAL CROSSROADS. VISUAL COMMUNICATION IN JAPANISM: ART, DESIGN AND ADVERTISING	
Tatiana Lameiro-González	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222111	
CAPÍTULO 2	16
PAISAGEM FOTOGRÁFICA FEMININA: REVENDO ARQUIVOS E O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA	
Daniela Remião de Macedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222112	
CAPÍTULO 3	33
A 'FESTA' INTERSEMIÓTICA: POESIA EM MOVIMENTO NAS TELAS	
Denise Azevedo Duarte Guimarães	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222113	
CAPÍTULO 4	47
MUSICOTERAPIA E ENVELHECIMENTO ATIVO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA	
Laura Tinoco de Paula Ramos	
Marcia Cirigliano	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222114	
CAPÍTULO 5	58
RECURSOS INFORMACIONAIS EM ARTES: ACERVO BIBLIOGRÁFICO UNIVERSITÁRIO E SUSTENTABILIDADE CULTURAL	
Lauci Bortoluci Quintana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222115	
CAPÍTULO 6	67
PROCESSOS EDUCATIVOS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS DIMENSÕES DO CURRÍCULO DIALOGANDO COM AS DIFERENÇAS	
Marcelo Máximo Purificação	
Elisângela Maura Catarino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222116	
CAPÍTULO 7	73
OS INSTRUMENTOS DE CULTURA E CONSUMO PARA MODERNIZAÇÃO DAS MARCAS: O ESTUDO DO CASO PLAYARTE	
Mariana Vallareto Nery	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272222117	
SOBRE A ORGANIZADORA	83
ÍNDICE REMISSIVO	84

MUSICOTERAPIA E ENVELHECIMENTO ATIVO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Data de aceite: 01/11/2022

Laura Tinoco de Paula Ramos

Marcia Cirigliano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música – UNICBM – Centro Universitário.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo relatar as atividades realizadas em oficinas musicoterápicas da Universidade da Maturidade, Macaé – RJ, tendo em vista os benefícios que a Musicoterapia proporciona para as pessoas que estão em processo de envelhecimento. As oficinas reúnem indivíduos a partir dos 50 anos (provavelmente pelo crescente aumento de patologias reportadas à vida senil ocorrerem em idade precoce), uma vez por semana, com a duração de uma hora e quarenta minutos. A partir de atividades lúdicas como: jogos musicais, brincadeiras cantadas, práticas corporais e outras, observou-se boa participação de todo o grupo, promovendo a circulação dos laços sociais. Buscando oferecer melhor qualidade de vida aos participantes, as oficinas musicoterápicas

apresentam estratégias e recursos para estimulação das áreas cognitiva e motora, a partir da memória afetivo-musical. Utilizam-se algumas técnicas musicoterápicas como desencadeadoras do processo terapêutico, tais como: Recriação, Audição e Improvisação. A Musicoterapia, nas oficinas, atua como um suporte preventivo social visando estabelecer vínculos entre os indivíduos do grupo, que buscam um envelhecimento ativo entre todos os desafios e necessidades acarretadas nesta etapa da vida. Entre os vários objetivos do envelhecimento ativo estão a participação e a autorrealização que podem ser alcançados através do trabalho musicoterapêutico. Este forneceu resultados positivos quanto à autoaceitação, a socialização e a manutenção de habilidades cognitivas apresentados e discutidos neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia, qualidade de vida, envelhecimento ativo.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Ainda é grande a desinformação sobre a

saúde do idoso, suas particularidades e os desafios do envelhecimento populacional para a saúde pública em nosso contexto social. A expectativa média de vida também aumentou acentuadamente no país. No entanto, este aumento do número de anos de vida, precisa ser acompanhado pela melhoria ou manutenção da saúde e qualidade de vida.

Há cada vez mais, uma busca pelo bem estar, levando o indivíduo a se preocupar com fatores relacionados à saúde e doença. Tal fato tem alavancado uma grande quantidade de pesquisas, que trazem inovações quanto às práticas geradoras de melhor qualidade à saúde da população.

Assim, terapias complementares, como a musicoterapia, podem atuar tanto no aspecto de prevenção das doenças, quanto no tratamento ou cura das mesmas.

Neste artigo apresentaremos atividades realizadas em âmbito universitário, notadamente na Universidade da Maturidade, em Macaé- RJ. Inicialmente, contextualizaremos a população idosa tanto de modo geral, como enquanto participante de atividades musicoterápicas. Em seguida, descreveremos tais atividades e sua contribuição para um envelhecimento mais saudável. Finalmente, pretendemos promover discussões quanto ao envelhecimento ativo destacando a importância da musicoterapia. Esta busca, a partir do resgate da música do indivíduo e do grupo, propicia um lugar para o encontro deste com suas próprias vivências, reintegrando-o socialmente.

2 | O IDOSO E O ENVELHECIMENTO ATIVO

A população mundial está envelhecendo e, segundo as estatísticas da Organização Mundial da Saúde, em 2025 teremos aproximadamente 840 milhões de pessoas idosas, ou seja, 70% da população mundial (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 11).

Uma das maiores conquistas culturais de um povo em seu processo de humanização é o envelhecimento de sua população, refletindo uma melhoria das condições de vida. De acordo com projeções do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), uma em cada nove pessoas no mundo tem 60 anos ou mais e, por volta de 2050 estima-se que essa proporção chegará em uma a cada cinco pessoas, significando também que haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas tinham 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. O Fundo projetou, ainda, que esse número alcançará a marca de 1 bilhão em menos de dez anos, possivelmente dobrando até 2050, o que representará 22% da população global (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012).

Novas necessidades foram sendo apresentadas pela pessoa que está em processo de envelhecimento, como de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança e saúde preventiva. A fim de atender a essas novas expectativas, foram estruturados nos últimos trinta anos instrumentos legais que garantem proteção social e ampliação de direitos às pessoas idosas, num esforço conjunto de vários países.

As Nações Unidas estabeleceram um padrão de idade de 60 anos, para descrever pessoas “mais velhas”. Essa idade pode parecer baixa no mundo desenvolvido e nos países em desenvolvimento, onde houve um grande aumento na expectativa de vida. Porém, a idade cronológica não é um marcador definitivo e equalizador para as mudanças que acompanham o envelhecimento, pois existem variáveis que dependem do estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas mais velhas que têm a mesma idade. Nesse sentido, políticas sociais e programas baseados somente na idade cronológica podem ser contraproducentes e discriminatórios para o bem-estar dos indivíduos nesta faixa etária. Portanto, essas variáveis precisam ser consideradas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 6).

Deve-se levar em consideração também as condições biológicas, intimamente relacionadas com a idade cronológica, traduzindo-se por um declínio harmônico de todo conjunto orgânico, tornando-se mais acelerado quanto maior a idade. Naturalmente as funções cognitivas começam a falhar, apresentando problemas de atenção, memória, concentração e orientação, podendo haver a perda da autonomia e independência. Assim, gradativamente, mudanças físicas, psicológicas e sociais acometem a pessoa em processo de envelhecimento.

No entanto, é importante incluir as funções cognitivas no conceito de envelhecimento saudável e ativo, pois sua preservação é essencial para a manutenção da autonomia. “As intervenções para a estimulação cognitiva podem ajudar a promover a resiliência e aumentar a qualidade de vida e, portanto, o envelhecimento saudável” (MALLOY-DINIZ; FUENTES; COSENZA, 2013).

A resiliência, que é a habilidade de se adaptar de forma positiva aos acontecimentos adversos, pode ser útil na elaboração de estratégias para promover um melhor enfrentamento das adversidades no envelhecimento.

Simone de Beauvoir lutou para dar voz e trazer maior compreensão social sobre o fenômeno do envelhecimento a partir da década de 70. Para a autora, a velhice não é apenas um fenômeno biológico, mas um catalizador de mudanças profundas na psique humana (BEAUVOIR, 1990). Por propor essa visão abrangente e inclusiva dos diversos aspectos que envolvem o envelhecimento, ela acreditava na contribuição que o envelhecer trazia para a coletividade social, sobretudo aos aspectos relacionados à experiência e à capacidade de julgamento, que são componentes altamente valorizados em sociedades organizadas e repetidoras (BEAUVOIR, 1990). Enquanto biologicamente faltam a força, a saúde e a capacidade adaptativa dos jovens, o envelhecimento traz um maior poder de julgamento e execução, que são habilidades influenciadas diretamente pelas experiências vividas e pelas memórias (BEAUVOIR, 1990).

Uma forma de ajudar pessoas a se manterem ativas e independentes à medida que vão envelhecendo e de melhorar a sua qualidade de vida pode ser encontrada no conceito de “envelhecimento ativo”, que foi adotado pela Organização Mundial da Saúde (2005) e

aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Ele permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, mental e social ao longo da vida, que elas participem da sociedade de acordo com as suas necessidades, capacidades e desejos, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, mantendo a autonomia e independência, à medida que as pessoas ficam mais velhas.

3 | A MÚSICA E A MUSICOTERAPIA

Existem muitos recursos que podem auxiliar na promoção da saúde do idoso, e a música é um deles. Segundo Kenneth Bruscia, a música não é só uma forma de arte tipicamente auditiva (passiva), mas é capaz de mobilizar os sentidos do homem e produzir estímulos cognitivos, motores, comportamentais, emocionais e sociais (2000).

A música surge como uma forma de expressão e comunicação. Os sons vêm da natureza, mas a música é o homem quem faz. A música não é um objeto, mas sim uma ação do homem sobre o mundo: “ela se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (SAMPAIO, 2005, p.22).

A música está presente em nosso cotidiano, influenciando nosso comportamento, seja numa loja ou em um elevador, onde não vemos o tempo passar, em uma festa ou em qualquer lugar onde estejamos, participando na interligação de memórias de situações passadas e na construção de novas memórias (MAGUIRE, 2012). Assim como outras manifestações culturais e artísticas, é capaz de despertar sentimentos e reviver lembranças. É um universo de significados, representações e percepções distintas, tornando possível afirmar que cada pessoa a perceberá de um modo diferente, seja qual for o nível de inteligência ou condição dessas pessoas, abrindo assim canais de comunicação para que se aumentem suas possibilidades de expressão.

A musicoterapia iniciou-se enquanto profissão e disciplina em 1950 nos Estados Unidos (BRUSCIA, 2000). Desde então, tem-se procurado aprofundar ainda mais os estudos científicos a respeito do papel da música sendo utilizada como elemento terapêutico.

Os médicos começaram a notar resultados evolutivos e progressivos de veteranos de guerra, que passavam por sessões onde escutavam músicas nos hospitais. No Brasil, a formação acadêmica surgiu somente em 1972, pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

A musicoterapia é uma disciplina interdisciplinar e multidisciplinar, que bebe da fonte de outras ciências, além de utilizar do principal: a música e as expressões e estímulos sonoros. Segundo Barcellos, a musicoterapia é uma disciplina que utiliza a música, e pode utilizar de vários campos que esta inclui, tais como: a Psicologia da Música, a Musicologia e Etnomusicologia, a Educação Musical, a Estética Musical, a Acústica e a Psicoacústica, a História e a Sociologia da Música para sua fundamentação (2004, p.51). Para a prática

profissional, é fundamental ter profissionais devidamente capacitados, específicos, formados e especializados no saber musicoterápico.

Uma das definições de Musicoterapia mais utilizadas pelos profissionais da área diz:

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia, harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou estabelecer funções do indivíduo para que possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento. (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA – Ano 1 – NÚMERO 2- 1996)

Segundo Millecco Filho, a musicoterapia pode ser definida como uma terapia autoexpressiva, que estimula o potencial criativo e a ampliação da capacidade comunicativa, mobilizando aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Ele ressalta que, ao utilizarmos a música terapeuticamente, acreditamos em seu alcance e em suas possibilidades como reveladora e restauradora da alma humana (2001, p.80).

Na prática da musicoterapia há uma constante busca da Identidade Sonora de cada paciente. A identificação de tais sons é delimitada a partir da Identidade Sonora (Iso), que Benenzon (1985) conceitua como a base do processo musicoterapêutico. A Identidade Sonora é composta pelo complexo de sons que integram o todo psicofisiológico de cada indivíduo; os sons e movimentos internos que resumem nossos arquétipos e vivências sonoras gestacionais, intrauterinas e nossas vivências sonoras de nascimento e infantis até os dias de hoje. É sobre a Iso de cada paciente que o musicoterapeuta trabalha (LOURO, 2006 p.64).

Segundo Baranow (1999), na Musicoterapia utilizamos os efeitos que a música pode produzir nos seres humanos nos níveis físico, mental, emocional e social, atuando como um facilitador da expressão humana, dos movimentos e sentimentos.

Na musicoterapia preventivo-social, o atendimento em grupo é recomendado, não retirando a importância, em determinados casos, do atendimento individual. A musicoterapia busca reativar o processo de ressocialização do indivíduo potencializando a sua força criativa a partir do prazer de cantar, tocar, criar, improvisar, movimentar-se ao som das canções, partilhando experiências. A partir do resgate da música do indivíduo e do grupo, a Musicoterapia propicia um lugar para o encontro do indivíduo com suas próprias vivências, integrando-o socialmente. Para Souza (2013, p.1220), a música é um forte e poderoso canal de comunicação entre as gerações e dentro de uma época. A musicoterapia, atuando como suporte de caráter preventivo-social, visa em primeira instância, estabelecer um elo entre os participantes de um grupo, no compartilhar de experiências a partir do canal sonoro-musical. A música, com seu poder estruturador, organizador e disciplinador, atinge, justamente, o lugar da suposta perda objetiva e subjetiva que o processo natural de

envelhecimento nos impõe: o tempo.

4 | RELATO DE EXPERIÊNCIA MUSICOTERÁPICA: UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

A Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora de Macaé- RJ, criou um curso de extensão universitária denominado “Universidade da Maturidade - UNIMAT”, cujo objetivo é promover a saúde física e mental para um envelhecimento saudável. O público alvo são indivíduos que já se aposentaram, com mais de 50 anos, independente do grau de escolaridade. Além das disciplinas do curso (Exercícios de memória, Direito do cidadão, Grupos terapêuticos e Musicalização) são oferecidas oficinas que variam mensalmente. Dentre elas, foi incluída a oficina de musicoterapia. Cada oficina tem um encontro semanal, totalizando 4 encontros.

No primeiro encontro com o grupo de oito participantes, todas do sexo feminino, houve a busca de informações que nos levaram à uma compreensão a respeito de quais canções fizeram parte de suas trajetórias e experiências de vida, ao porquê de tais músicas serem tão significativas e a que lembranças elas remetiam. Buscamos captar o Iso Grupal (Benenzon, 1985, p.49) e estabelecer a relação terapêutica, pois só a partir desse vínculo criado é que há possibilidade do processo musicoterápico iniciar-se. “O vínculo terapeuta-paciente proporciona a confiança e a segurança para a exposição dos conteúdos internos do paciente e a sua elaboração”, como nos diz López (1999, p.29).

Na coleta de dados procuramos ouvir, em entrevista coletiva, todo o grupo, perceber a capacidade de relacionamento, o saber ouvir o outro e conhecer as suas preferências musicais. A média de idade entre as participantes era de sessenta e oito anos, tendo a integrante mais nova 57 anos e a mais velha 79 anos, todas já aposentadas. Entre as profissões encontravam-se donas de casa, empresárias, professoras e comerciantes. Pedimos que cada uma falasse seus nomes, um pouco de sua história de vida e se elas se lembravam de alguma canção que as remetesse à sua infância. A partir de então, todas sentiram a necessidade de falar sobre si mesmas, despertando nelas um senso de pertencimento e identidade; percebendo que ali, naquele espaço, elas teriam vez e voz. Depois da coleta e da seleção de músicas trazidas pelo grupo, como sendo as suas preferidas, cantamos pelo menos uma canção de cada uma delas. Os dados proporcionaram uma visão do perfil musical das participantes, pois se referem à frequência com que ouvem música, à participação em atividades musicais, ao gosto musical e outros.

Iniciamos as atividades com canções sugeridas pelo grupo. Foram acompanhadas pela musicoterapeuta ao teclado eletrônico e as participantes percutindo seus instrumentos preferidos. Os instrumentos musicais disponíveis ficavam à mostra numa mesa, ao alcance de todas. Tinha-se vários tipos de chocalhos, maraca, caxixis, coco, triângulo, egg shake, pandeiros e agogôs.

A seguir foram entoadas canções em que era visível a busca do Iso Grupal, que

começou a acontecer com a canção “O vira”¹, solicitada por S., de 74 anos. Aqui foram feitas intervenções rítmicas, melódicas e dramatizações musicais com movimentos corporais. Isso veio a proporcionar a facilitação do fazer musical do grupo. Com esta canção, houve um resgate de gostos e sentimentos de cada uma (Iso Individual) e do grupo (Iso Grupal). O prazer do grupo, com esse resgate fica estampado nos rostos das participantes. Elas foram remetendo a evocação da memória passada para o tempo presente com grande satisfação.

As músicas de suas histórias de vida, trazidas pelo grupo, vêm consolidar no presente as épocas vividas, e esse processo de recordação ativa e exercita as memórias intelectual, emocional e corporal do indivíduo. Esse reviver épocas estimulou a autoconfiança e autoestima delas, trazendo de volta o prazer da redescoberta e a descoberta de novos valores.

Para Tourinho (2005), música é o estímulo potente para a evocação de lembranças, e é lembrando que podemos avivar fatos inconscientes que ampliam o significado do “ser velho”, e a memória quando reativada pela música, faz a senescência ser encarada como tempo de lembrar, possibilitando que o idoso reconstrua e reviva passagens significativas de sua vida, resgatando sua identidade.

O grupo mostrou-se bem eclético, passeando desde os tempos da Era do Rádio, da Tropicália, do *Rock 'n Roll*, dos Festivais da Canção, da Bossa Nova e MPB até as canções Italianas, Japonesas e Espanholas. As canções Sertanejas, Nordestinas e Gospel também foram citadas e cantadas. Vale ressaltar que, antes de apresentarmos as propostas de atividades nos quatro encontros que tivemos, primeiramente as conduzimos a um relaxamento e aquecimento, com o objetivo de diminuir a tensão, que permite que o indivíduo esteja mais apto para conhecer as propostas (BARCELLOS, 2006 apud OLIVEIRA et al., 2012, p. 89).

A partir do segundo encontro, o grupo já mais à vontade, relatou fatos de suas vidas, expectativas e limitações. Frente às dificuldades impostas pelo tempo ao indivíduo, a música funciona como uma ponte para que as relações interpessoais se realizem.

Segundo Zanini (2003), cantar em grupo traz para o idoso a autoexpressão, o autoconhecimento e a autorrealização. A autora cria um novo conceito de coro terapêutico, conduzido por Musicoterapeuta, onde se realizam atividades diversas entre as quais destacamos aquelas que estimulam o conhecimento do corpo através de exercícios de relaxamento e respiração, a melhora nas relações intra e interpessoais, a amplificação da voz, o revigoramento do aparelho fonador e a prevenção de problemas de saúde mental, demências e distúrbios da memória. A voz é utilizada como recurso para a comunicação, satisfação, expressão e interação social.

Pudemos observar que ao cantarmos uma canção pedida por uma das participantes, C., de 64 anos, ao escutá-la, imediatamente sua fisionomia mudou, primeiramente sorriu

¹ O Vira é uma canção composta em 1973, por João Ricardo e Luhlí e que aparece no primeiro álbum do grupo Secos e Molhados. É um glam rock com influência na dança portuguesa.

e depois chorou, ficando clara a estreita conexão límbica, canal de comunicação entre a música e a emoção. “Pesquisas em Neurociências indicam uma forte conexão entre o sistema auditivo e o sistema límbico” (TOMAINO, 1999, p.116). A música penetra nessa estrutura afetiva, auxiliando o idoso na busca do vínculo perdido, ao associar o estímulo musical externo ao consonante interno. Segundo Souza (2013, p.1221), a música nos alcança onde, muitas vezes, a palavra não consegue alcançar. Na emoção expressada em cada canção pode estar a conexão do passado com o presente, impulsionando o indivíduo à vivência do novo. Utilizamos a técnica da Recriação musical nessas atividades, que é uma das técnicas mais utilizadas na musicoterapia com idosos. Segundo Bruscia (2000), na Recriação, o cliente canta ou toca, de memória ou utilizando partitura, uma peça musical composta anteriormente. No entanto, na musicoterapia, não somente se utiliza músicas, mas sim, apóia-se nas experiências musicais como objetivo primário, como processo e como resultado da terapia. Nas experiências recreativas o grupo aprende ou executa músicas vocais ou reproduz qualquer tipo musical apresentado como modelo.

Durante as intervenções musicoterapêuticas, as participantes da oficina demonstraram bastante satisfação ao vivenciar experiências musicais (BRUSCIA,2000), que proporcionaram relacionar fatos vividos com a música; tiveram a oportunidade de resgatar suas reminiscências e espaço para expressar suas emoções.

No terceiro encontro, por exemplo, o grupo reviveu e compartilhou momentos do passado. Essas reminiscências são ferramentas que podem auxiliar na ressignificação da vida e a amenizar as perdas decorrentes ao envelhecimento. Essas atividades musicais auxiliaram as participantes a recordar o passado e surgiram comentários que expressaram saudosismo, como o que relatou R., de 61 anos: “Meu pai cantava músicas sertanejas com a gente na varanda da nossa casa, lá na roça. Era tão bom! Que saudade dessa época!”.

O objetivo das atividades foi resgatar as memórias de longo prazo, episódica e semântica. Essas memórias geralmente estão preservadas em idosos saudáveis e, a partir destas, pode-se atuar em benefício da memória de curto prazo.

Executamos uma das variações da Recriação que são as atividades e os jogos musicais, que são atividades estruturadas pela música.

Utilizamos diversos jogos musicais tais como: Batata quente, reprodução de células rítmicas, reconhecer melodias (qual é a música) entre outros.

Exemplificaremos a brincadeira rítmica cantada, “Escravos de Jó”: fizemos um círculo com as carteiras bem encostadas umas nas outras e com as participantes segurando, cada uma, uma casca de coco (instrumento de percussão) na mão direita. O combinado era passar o coco para a colega do seu lado direito à medida em que a música era cantada. Todas juntas, no mesmo ritmo. E quando cantássemos o trecho “zig-zig-zá” não deveríamos entregar o coco à colega e sim, logo depois desse trecho da canção. Começamos com um andamento mais moderado e gradativamente aumentando o mesmo. Pudemos observar que a atividade funcionou melhor com o andamento mais rápido. Essa

atividade mostrou-se extremamente prazerosa para todo o grupo. Notou-se nitidamente a satisfação, a alegria e o riso fácil entre elas, apesar de se culparem mutuamente pela não concretização do combinado.

Uma das participantes do grupo, M.C., mineira, de 79 anos diz ao final: “Essa brincadeira é gostosa demais! Essa cadência, esse ritmo, faz a gente trabalhar a mente, faz a memória trabalhar. Temos que coordenar a mente e o corpo e ter ritmo. É linda demais! Quando a gente era criança, fazíamos esse tipo de brincadeira, muito saudável”, evidenciando o prazer e a autorrealização.

Outra participante, M., baiana, de 62 anos, diz sorrindo: “Eu adorei! Quando um erra, todos erram, num efeito dominó! Interessante é que quando a música (o andamento) estava mais rápida, o grupo foi melhor. Acho que é porque todas se concentraram mais”.

Outra atividade feita com o grupo foi uma brincadeira cantada, com uma canção folclórica chamada “O cacau”, onde as participantes formaram uma dupla, e, ao ritmo da música, fazem uma coreografia combinada previamente.

Os objetivos clínicos dessas atividades foram: desenvolver habilidades sensório-motoras, melhorar a atenção e orientação, promover comportamento ritmado e a adaptação, melhorar as habilidades interativas e de grupo, dentre outros.

Acreditando em todas as possibilidades e potencialidades do grupo, optamos por utilizar uma abordagem teórica Humanista- Existencial para fundamentar a nossa prática. Essa teoria, desenvolvida por Carl Rogers, acredita que a experiência de cada pessoa é única e que todas elas têm dentro de si mesmas uma força que as leva ao crescimento. Nesta abordagem, o musicoterapeuta trabalha a partir do paciente, que é o centro da terapia (BARCELLOS, 1994). Segundo Rogers (1977, p.33), toda pessoa é como uma ilha, e que ela só pode construir uma ponte para se comunicar com o outro se, ela primeiramente se dispuser e se lhe for permitido ser ela mesma. E que quando podemos aceitar uma outra pessoa, com seus sentimentos, atitudes e crenças, que a constituem como elementos integrantes reais e vitais, é que podemos ajudá-la a tornar-se pessoa.

Um musicoterapeuta com uma linha filosófica rogeriana teria por objetivo a interação terapêutica numa relação na qual o cliente é livre para crescer, com o terapeuta ajudando a clarificar e conscientizar suas experiências internas. Na abordagem Humanista-Existencial, “o terapeuta tem o papel de facilitador, daquele que se “introduz” no mundo perceptivo do cliente e partilha com ele seus sentimentos e percepções” (BARCELLOS, 1994, p.12).

Ao final do semestre, com o encerramento do curso, houve uma formatura, onde todas as alunas receberam um certificado de participação e fizeram uma mostra de todas as atividades realizadas. Em nossa oficina de musicoterapia preparamos cinco canções preferidas pelo grupo para apresentarmos nesse evento. Foi feita, pelas alunas do curso de extensão, uma avaliação geral de todas as disciplinas e oficinas oferecidas pelo curso, na qual foi pedido que a oficina de musicoterapia, que antes era temporária, passasse a ser uma disciplina fixa a partir do próximo semestre.

Tendo em vista os resultados satisfatórios obtidos nesta oficina, acredita-se no tratamento musicoterápico como uma intervenção que preserva a qualidade de vida das pessoas em processo de envelhecimento.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças ocorridas na compreensão do envelhecimento nos últimos anos foram de suma importância e contribuíram muito para a garantia do bem-estar e da qualidade de vida das pessoas que estão envelhecendo. A percepção social e a autopercepção do constructo sociocultural da velhice mudaram, de um estado de limitação e degeneração inevitável, para um momento de acúmulo de sabedoria e potencialidades sociais.

A musicoterapia aplicada em pessoas nessa fase da vida é um campo fértil de buscas, descobertas e possibilidades. Com ela o indivíduo tem espaço para se expressar, para produzir e ver que esta fase da vida pode ser explorada de forma criativa e que as músicas que fizeram parte de sua vida, agora são suas aliadas na busca de seu bem-estar. Vale ressaltar que a utilização de canções e músicas que fizeram parte da história de vida de cada um, pode contribuir diretamente na elevação de sua autoestima, no prazer de jogar e brincar musicalmente. Assim, a partir de músicas que marcaram suas vidas, as participantes da UNIMAT puderam cantar suas dores e amores, suas perdas e ganhos, reconhecendo-se em seu fazer musical, elaborando conteúdos internos, afetivos e emocionais, num processo de redescobertas.

Dessa forma, espera-se que este artigo sirva como um instrumento de pesquisa, capaz de despertar uma reflexão a respeito da prática musicoterápica com pessoas que estão em processo de envelhecimento, abrindo possibilidades, mostrando caminhos para que os indivíduos se integrem vivendo assim, com melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BARANOW, Ana Léa Von. *Musicoterapia uma visão geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Musicoterapia: Alguns Escritos*. Lia Rejane Mendes Barcellos – Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

_____. *Cadernos de musicoterapia 3*. Lia Rejane Mendes Barcellos. – Rio de Janeiro: Enelivros, 1994.

BEAUVOIR, S. *A velhice* (4. Ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENENZON, Rolando O. *Manual de Musicoterapia* / Rolando O. Benenzon; tradução de Clementina Nastari – Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRUSCIA, K. E. *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio*. 2012. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2018.

LÓPEZ, Anna Lúcia Leão. *Musicoterapia com hemiplégicos: um trabalho integrado à fisioterapia* / Anna Lúcia Leão López, Paula Maria Ribeiro Carvalho. – Rio de Janeiro – Enelivros, 1999.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação Musical e deficiência: propostas pedagógicas* – São José dos Campos, SP : Ed. Do Autor, 2006.

MALLOY-DINIZ, Leandro F., FUENTES, Daniel., COSENZA, Ramon M. *Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional* / Porto Alegre: Artmed, 2013.

MAGUIRE, Melissa Jane. Music and Epilepsy: A critical review. *Epilepsia*, v. 53, n.6, p. 947 – 961, 2012.

MILLECCO FILHO, Luís Antônio. É preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções/ Luís Antônio Millecco Filho, Maria Regina Esmeraldo Brandão, Ronaldo Pomponét Millecco. – Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

OLIVEIRA, Glauber Correia de et al. A contribuição da musicoterapia na saúde do idoso. *Cadernos UniFOA, Volta Redonda*, n. 20, p.85-94, dez. 2012.

ROGERS, Carl Ransom, 1902 – *Tornar-se pessoa* (por) Carl R. Rogers (tradução de Manoel José do Carmo Ferreira) São Paulo, Martins Fontes, 1977.

SAMPAIO, R. Por uma nova noção de Música em Musicoterapia. In: *Apontamentos em Musicoterapia*, 1, 21-24. São Paulo: Apontamentos, 2005.

SOUZA, Márcia Godinho Cerqueira de. “*Musicoterapia e a clínica do envelhecimento*”. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia* / Elizabete Viana de Freitas...[et al.]. 3 ed.- [Reimp.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

TOMAINO, CM. *Active music therapy approaches for neurologically impaired patients*. In: Maranto D. *Music Therapy & Medicine: Theoretical and Clinical Applications*. Silver Spring, USA: American Music Therapy Association, 1999.

TOURINHO, Lúcia Maria Chaves Tourinho. “*Musicoterapia e a terceira idade*”. Disponível em: <<http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/musicoterapia.htm>>. Acesso em: 28/05/2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (Brasília). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2018.

ZANINI, C. R. O. *O Coro Terapêutico: um olhar do musicoterapeuta para o idoso no novo milênio* 143 f, 2002. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas.EMAC - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

A

Advertising 1, 12, 13, 14

Artworks 1, 3, 8, 11, 14, 15

C

Cinema 31, 33, 41, 62, 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82

Classificações 33

Communication 1, 16

Comunicação 16, 31, 33, 34, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 58, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 83

Consumo 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81

Cultura 17, 32, 42, 59, 60, 62, 64, 65, 68, 73, 82

Currículo 67, 68, 69, 70, 71, 72

D

Diferenças 67, 68, 69, 70, 71

E

Envelhecimento ativo 47, 48, 49, 57

F

Formação de professores 67, 68, 70

Fotografia 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 62, 83

G

Gênero 16, 19, 28, 30, 70

Graphic design 1

H

História da fotografia 16, 17, 18, 19, 26, 27, 29, 31

J

Japanism 1, 3, 6, 7, 11, 12, 13, 14

L

Leitura intersemiótica 33

M

Mulheres na fotografia 16, 29, 30

Musicoterapia 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57

P

Pessoas 34, 47, 48, 49, 50, 56, 64, 71, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81

Pioneiras 16, 17, 19, 20, 29, 30, 31, 36

Poesia multimídia 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 45

Processos formativos 67

Q

Qualidade de vida 47, 48, 49, 50, 51, 56, 60

T

Tipologia dos clipoemas 33

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTE E CULTURA

Investigações e experimentos


Atena
Editora
Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTE E CULTURA

Investigações e experimentos


Atena
Editora
Ano 2022